



IGREJA VELHA DE SÃO MAMEDE (Vila Verde, Felgueiras)

Leitura Estratigráfica de Alçados e Sondagem



RELATÓRIO FINAL

Luís Fontes, André Machado e Sofia Catalão

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 4, 2010

Ficha Técnica

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**
Avenida Central, 39
P 4710-228 Braga

Direcção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2010**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço electrónico: <https://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas>

ISSN: **1647-5836**

Título: **IGREJA VELHA DE SÃO MAMEDE (Vila Verde, Felgueiras). LEITURA ESTRATIGRÁFICA DE ALÇADOS E SONDAÇÃO. RELATÓRIO FINAL**

Autor: **LUÍS FONTES, ANDRÉ MACHADO e SOFIA CATALÃO**



Unidade de Arqueologia

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.º 4

2010

IGREJA VELHA DE SÃO MAMEDE (Vila Verde, Felgueiras) Leitura Estratigráfica de Alçados e Sondagem

RELATÓRIO FINAL

Luís Fontes, André Machado e Sofia Catalão

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
2004 / 2005

Os responsáveis da intervenção arqueológica e subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos).

A consulta e utilização dos dados relativos à intervenção arqueológica por parte de outros investigadores ficam condicionadas, durante cinco anos, à autorização expressa da totalidade dos responsáveis da intervenção arqueológica (os subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos). Após esse período ficarão acessíveis ao público, reservando-se sempre, nos termos legais, os respectivos direitos morais.

O presente relatório foi aprovado pelo IPA / Instituto Português de Arqueologia - ofício n.º 13602, de 26-09-05, ref. 2005/1(424).

Leitura estratigráfica de Alçados

INDICE

1 - INTRODUÇÃO

2.- FASES CONSTRUTIVAS

2.1 .- Fase I

2.2 .- Fase II

2.3 .- Fase III

2.4 .- Fase IV

2.5 .- Fase V

3.- CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

4.- ILUSTRAÇÕES

1 - INTRODUÇÃO

O presente Relatório Preliminar decorre dos trabalhos arqueológicos de leitura estratigráfica de alçados da Igreja Velha de São Mamede de Vila Verde, Felgueiras, efectuados no âmbito do programa de intervenção no monumento promovido pela Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Norte.

Trata-se de uma primeira leitura da evolução arquitectónica do edifício, cuja apresentação se entendeu dever antecipar no sentido de facultar ao Arquitecto responsável a informação necessária ao desenvolvimento do projecto.

Apesar de não se tratar do estudo definitivo, pretende-se que este relatório já sirva de referência para fundamentar as opções de conservação e valorização, com base na caracterização sintética das principais fases construtivas identificadas, que se descrevem e ilustram no capítulo seguinte, oferecendo uma síntese interpretativa da evolução arquitectónica.

Nas conclusões recomendamos algumas actuações específicas, na perspectiva da interpretação valorizada do monumento.

2 – FASES CONSTRUTIVAS (FIGS. 1 e 2)

A caracterização das fases construtivas foi feita com base na observação directa e detalhada dos alçados, beneficiando-se do facto de parte significativa das paredes terem perdido os revestimentos ou, como acontece no exterior, aparentar nunca os ter tido.

Após levantamento fotográfico e desenho por restituição fotogramétrica, de todos os alçados, procedeu-se à identificação dos diferentes contextos construtivos (unidades mínimas com características construtivas uniformes e limites definidos), que se delimitaram em desenhos à escala 1:50 e descreveram nas respectivas fichas.

Para efeitos do presente relatório, efectuamos uma primeira integração da informação, isolando as principais fases construtivas para o conjunto do edifício, que se caracterizaram tendo em atenção os seguintes descritores principais: posição na sequência estratigráfica; materiais e técnicas construtivas; forma e/ou planta; elementos arquitectónico-decorativos e filiação do estilo artístico; proposta de cronologia.

Nas ilustrações distinguiram-se as diversas fases construtivas através de diferentes cores, identificadas de acordo com o texto descritivo. Deve ter-se presente que os desenhos dos alçados são uma primeira versão, que será completada e corrigida no relatório final.

2.1 – Fase I

Corresponde à edificação original, em cantaria de blocos graníticos de forma geral paralelepédica, esquadriados sem especial cuidado e montados em fiadas horizontais regulares, elevando, com ressaltos, paredes de dupla face ou

paramento, com miolo preenchido por cascalho, calhaus e argamassa saibrosa. O aparelho, pseudo-isódomo, apresenta junta horizontais quase secas e juntas verticais irregulares, também secas. Observam-se algumas alterações de alinhamentos de fiadas, geralmente acertados com recurso a fiadas e/ou blocos de menor altura e que poderão corresponder a fases de obra.

Os blocos graníticos dispõem-se quase sempre longitudinalmente (de peito), alternando a distâncias irregulares, com um bloco colocado transversalmente (de testa), que geralmente atravessa toda a parede ficando, por vezes, saliente da face desta.

A generalidade dos blocos foram rachados e toscamente afeiçoados a picão, percebendo-se um desbastamento especialmente orientado para as faces horizontais de assentamento, deixando-se as faces exteriores ligeiramente convexas, sem qualquer outro tratamento.

Contudo, muitos outros apresentam uma esquadria mais perfeita e um tratamento mais cuidado da face, reconhecendo-se nas superfícies mais regulares de algumas das faces, designadamente em todas as que compõe as guarnições dos vãos, um acabamento a cinzel.

Em alguns observam-se os rasgos para colocação de cunhas de madeira. Em nenhuma parte do edifício se identificaram quaisquer siglas ou marcas de canteiro.

Nos vãos originais distinguem-se os das frestas, todos em arco de volta perfeita e abertura em capialço (alargam do exterior para o interior), e os vãos das portas, o da fachada ocidental em arco de volta perfeita, inscrito na espessura da parede, com tímpano fechado sobre lintel apoiado nas ombreiras e o da porta meridional, em arco ligeiramente apontado, também inscrito na espessura da parede, com tímpano fechado sobre lintel apoiado em mísulas salientes das ombreiras.

O coroamento das paredes é rematado por uma cornija de secção ligeiramente côncava, apoiada em modilhões lisos, com simples decoração moldurada ou com raros motivos tipo pinha ou rolos. Esta cornija recebia uma cobertura original em duas águas, tanto na nave como na capela-mor, como denuncia a empena triangular, que na fachada ocidental é rematada por um pequeno campanário em arco de volta perfeita com cobertura triangular capeada.

No seu conjunto, o edifício desenvolve-se no sentido Oeste – Este, compondo uma igreja de nave rectangular a poente e capela-mor quadrada a nascente, esta mais pequena e bastante mais baixa, com um balcão interior perimetral, tipo banco e ainda com a particularidade de se implantar a uma cota significativamente mais elevada que a da nave, determinando dois níveis de pavimento distintos, vencidos por três degraus no vão do arco triunfal.

Salientes na fachada Sul da nave conservam-se a quase totalidade das mísulas e do rufo pétreo da cobertura do alpendre, que deste lado abrigaria os fiéis.

Ladeando a porta axial, no exterior, conservam-se dois sarcófagos em granito, com caixa antropomórfica e tampa monolítica configurando cobertura a “duas águas”. Estão violados.

Não conhecemos qualquer documento relativo à fundação da igreja velha de São Mamede de Vila Verde. A proposta de uma cronologia para a edificação original do templo terá que ser, assim, baseada no contexto histórico local e nas características técnico-construtivas e estilísticas da edificação.

A forma geral da planta e a sua volumetria, a par dos elementos arquitectónicos e decorativos particulares como são as cachorradas, as frestas e as portas com arco semi-circular ou ainda os sarcófagos, bem como o contexto histórico associável, em que releva a instalação em Vila Verde, no decurso do século XIII, de Mendo de Sousa e família, permitem-nos classificar o edifício correspondente a esta Fase I como um projecto românico tardio de expressão rural, em que parecem cruzar-se influências simultaneamente conservadoras e progressistas, cuja edificação terá decorrido nos finais do século XIII.

2.2 – Fase II

Corresponde à primeira e mais significativa remodelação da edificação original, expressa por um conjunto de acções construtivas e decorativas, materializadas quase exclusivamente no interior do templo, onde se identificaram as seguintes alterações:

na capela-mor

- a) - encerramento das frestas da cabeceira e meridional, com alvenaria grosseira de cascalho, calhaus, fragmentos de tijolo e de telha e argamassa de cal;
- b) – abertura de duas janelas rectangulares nas paredes laterais: no lado Norte alargando a fresta preexistente, até se obter uma tosca moldura em capialço; no lado Sul, rasgando um vão novo entre a antiga fresta e a parede da cabeceira, colocando uma bem acabada guarnição em capialço, com moldura rectilínea;
- c) – abertura de vão de porta, rasgada na parede preexistente, com ombreira e padieira lisas, com moldura exterior rectilínea;
- d) – revestimento das paredes interiores com argamassa de cal, com pinturas na parede da cabeceira e nas laterais até às janelas, configurando uma espécie de retábulo pintado. Identifica-se a sobreposição de, pelo menos, um segundo tema pintado;

no arco triunfal

- e) – alargamento e elevação do arco triunfal, rasgando-se a parede medieval para colocação do novo arco, semicircular, formado por aduelas altas e estreitas, com moldura lisa saliente a vincar o aro do arco. Assenta, através de imposta muito estreita, tipo friso, mas saliente, em pilares

apilastrados, compostos por blocos delgados que parecem prolongar o arco até ao solo. No novo lance de três degraus que vence a passagem do arco triunfal à capela-mor, reutilizou-se uma tampa sepulcral medieval.

na nave

- f) – altar colateral aberto na espessura da parede Norte, em arco de volta perfeita, que se prolonga até baixo sem qualquer imposta. A parede medieval foi rasgada até metade da sua espessura, ficando à vista o intradorso dos blocos da face externa. O arco é formado por aduelas altas e estreitas, com moldura lisa que acentua o arco, prolongando-se nos laterais apilastrados com o mesmo tipo de peças até ao seu assentamento inferior. Inicialmente mais alto, o nicho veio a ser reduzido pela colocação de duas fiadas de blocos na parte inferior;
- g) no lado poente do altar acima referido, conserva-se a mísula que suportava a bacia pétrea do púlpito (actualmente recolhida numa casa das proximidades). Em granito, está solidamente cravada na parede medieval. Apresenta um perfil em “papo de rola” e laterais moldurados;
- h) No topo poente da nave conservam-se os vestígios da existência de um coro alto, materializados no contorno dos rebocos, nos encaixes rasgados nas paredes laterais para fixação da balaustrada, nos largos agulheiros quadrangulares abertos também nas paredes laterais, para apoio das vigas que suportavam um piso sobradado e no vão rectilíneo de porta rasgado na parte superior da parede meridional da nave, para acesso directo ao coro a partir do exterior, através de uma escada pétrea adossada ao edifício;
- i) - revestimento das paredes interiores com argamassa de cal, com pinturas nos topos laterais próximos do arco triunfal;

Embora todas estas alterações possam ter ocorrido de modo faseado, a contemporaneidade construtiva de praticamente todas estas alterações arquitectónicas é estabelecida pelo reboco que reveste as paredes, em parte com pintura mural, o qual envolve, adossando, as molduras das janelas, do arco triunfal e do altar colateral.

Identifica-se entre todas uma clara relação de organização litúrgica de espaços, o que permite considerar a existência de um projecto global de remodelação, visando exactamente adaptar a igreja de São Mamede de Vila Verde a novos preceitos litúrgicos.

O contexto histórico para esta profunda remodelação do espaço interior da igreja encontra-se na reforma das práticas litúrgicas cristãs, levadas a cabo no ocidente europeu no decurso da segunda metade do século XVI, bem como na

circunstância, que consideramos de primeira importância, de ser igreja de apresentação do mosteiro beneditino de Pombeiro e portanto beneficiar dos grandes ciclos de obras que marcaram a reconstrução arquitectónica de quase todos os mosteiros beneditinos, empreendida após a reforma as ordens religiosas e consequente instituição da *Congregação dos Monges Negros de São Bento do Reino de Portugal*.

Para além deste aspecto ideológico, que fundamentava a necessidade de “abrir” o templo para facultar a visualização dos rituais litúrgicos, em especial da eucaristia, concorrem também para a cronologia de finais do século XVI e inícios do século XVII, os dados de carácter iconográfico e técnico-estilístico, como os revelados pelas pinturas murais, pela solução em capialço das janelas ou pela moldura saliente do arco triunfal e do arco do altar lateral da nave, que traduzem uma ambiência estilística classificável adentro do estilo-chão nacional.

2.3 – Fase III

Esta terceira fase é estabelecida pela identificação de sobreposição de pinturas murais na capela-mor, testemunhando a renovação da decoração do retábulo pintado do altar-mor. É uma pintura directa sobre a pintura preexistente, sem qualquer nova argamassa de suporte.

Trata-se de um testemunho material que remete para a efectiva utilização cultural do templo, configurando-se, não tanto como fase de obra, mas como fase de ocupação, que podemos balizar entre os séculos XVII e XIX.

2.4 – Fase IV

Corresponde à construção da sacristia, adossada contra a fachada meridional da capela-mor. É uma construção com aparelho tipo “perpianho”, de lajes graníticas bem esquadriadas e faces regulares afeiçãoadas a cinzel, montadas em fiadas horizontais regulares, com juntas estreitas fechadas com argamassa de cal. O coroamento das paredes é rematado por uma cornija de secção côncava, na qual assentava uma cobertura telhada de duas águas, como testemunham a empena triangular da parede Sul e os vestígios do rufo de cimento no encosto à capela-mor.

Esta construção define um espaço quadrangular, iluminado por uma pequena janela rectangular na parede meridional e ao qual se acede, desde o exterior, por uma porta aberta no lado poente, de vão rectilíneo de molduras lisas. A ligação com o interior da igreja faz-se pela porta existente na parede Sul da capela-mor, na qual, servindo o interior da sacristia, foi rasgada uma pequena pia de água para abluções.

Não conhecemos qualquer referência documental que nos permita adiantar uma data precisa para esta construção. Com base na relação estratigráfica, podemos apenas estabelecer que este acrescento é posterior à abertura da janela moderna da capela-mor. Ponderando estes elementos e as características técnico-construtivas, poderá aceitar-se uma cronologia entre os séculos XVIII e XIX.

2.5 – Fase V

Corresponde à desactivação da igreja, seu abandono e consequente arruinamento, processo cujo início podemos situar em torno de meados do século XIX, período balizado entre a extinção do mosteiro de Pombeiro em 1833-34 e a construção da nova igreja paroquial de Vila Verde, inaugurada em 1866.

3 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A igreja velha de São Mamede de Vila Verde não é, apesar da sua aparente uniformidade, um edifício arquitectonicamente unitário, correspondente à execução de um só projecto construtivo.

Tal como a análise estratigráfica de alçados evidenciou, o edifício revela diversas e significativas alterações arquitectónicas, que testemunham uma sucessiva adaptação do templo às novas exigências de organização dos espaços de culto, determinadas pelas reformas que a Igreja foi conhecendo e que a população de Vila Verde não terá deixado de assimilar.

A igreja velha de São Mamede de Vila Verde constitui um bom exemplo de património arquitectónico que deve ser conservado e valorizado numa perspectiva de monumento interpretado, isto é, de proporcionar ao visitante a compreensão da tessitura da História, através da leitura das diversas arquitecturas que se sedimentaram no edifício. Na sua recuperação deve assegurar-se, portanto, a conservação das diversas expressões arquitectónicas que foi conhecendo ao longo da sua existência.

Da perspectiva acima enunciada decorrem as seguintes propostas e/ou recomendações:

a - recuperação das tampas sepulcrais reutilizadas como degraus, recolocando-as de modo a repor a dignidade da sua função original – poderão, eventualmente, integrar o pavimento da nave ou, tão-só, serem expostas como peças de arte funerária.

b - reposição do coro alto, proporcionando uma percepção mais correcta da organização litúrgica dos espaços do templo, sendo absolutamente necessária para compreender a elevação do arco triunfal.

c - reposição do púlpito, elemento fundamental para a compreensão das modalidades de comunicação entre o clero e os fiéis, neste caso exemplificativa da prática da pregação.

d – realização de sondagem arqueológica no interior da capela-mor, para esclarecer a sua elevação pouco habitual em relação à nave e para avaliar o impacte das alterações provocadas pelo alargamento do arco triunfal.

Braga, Setembro de 2004.

Luis Fernando de Oliveira Fontes
(Arqueólogo Coordenador e Responsável Científico)

4 - ILUSTRAÇÕES

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 4, 2010

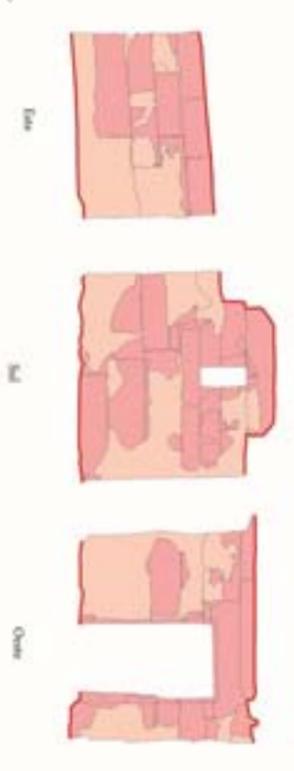
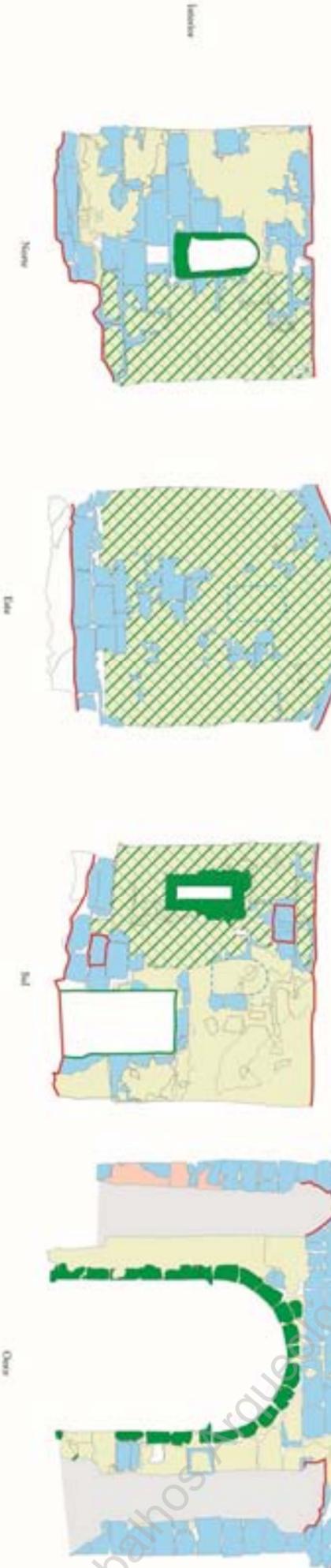
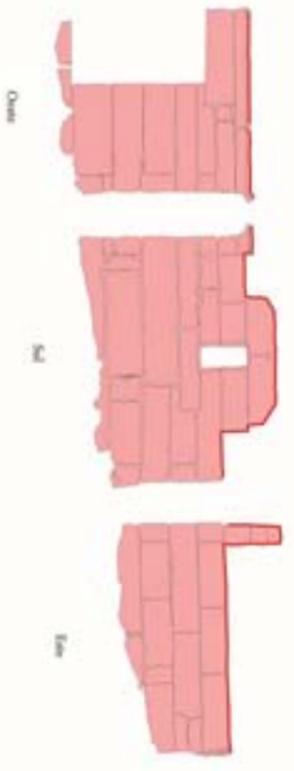


Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - Norte
 Igreja Velha de São Manoel de Vila Verde (Freguesia)
 Leituras arqueológicas de Arqueologia (Norte)

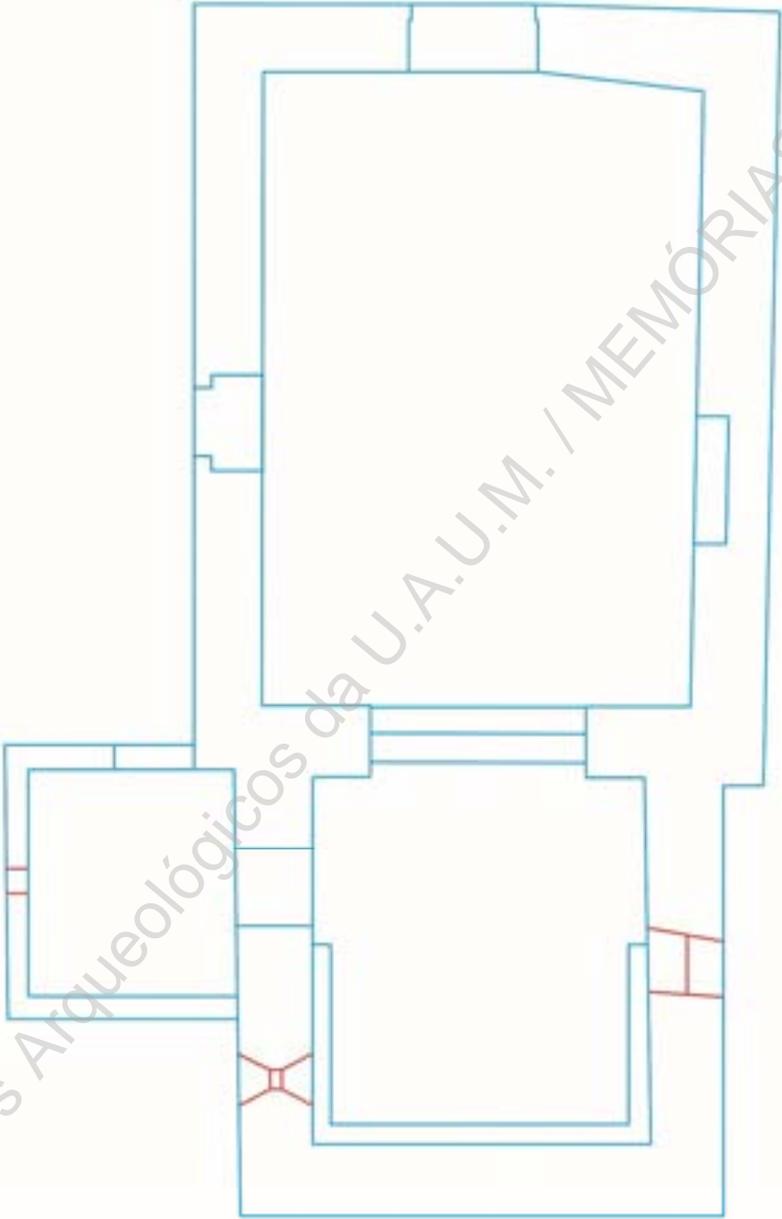
Capela-mor



Sacristia



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 4, 2010



Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - Norte
Igreja Velha de São Manoel de Vila Verde (Felgueiras)

Planta

UAUM

2004

Fig. 3

Sondagens arqueológicas

Índice

1. Introdução

2. Objectivos e Metodologias

3. Resultados da quadrícula X10-11-12/Y8

4. Conclusões

5. Bibliografia

6. Ilustrações

6.1. Fotografias

6.2. Desenhos

7. Anexos

7.1. Lista de contextos

7.2. Lista de distribuição de espólio

7.3. Lista de achados

7.4. Exemplar relatório em CD-ROM

7.5. Fotocópias de registos de campo

1.Introdução

O presente relatório respeita à intervenção arqueológica realizada na Igreja Velha de São Mamede, Vila Verde, Felgueiras, entre os dias 21 de Junho e 6 de Julho do corrente ano.

Os trabalhos arqueológicos, executados pelos arqueólogos Luís Fontes, André Machado e Sofia Catalão, com a colaboração eventual da bióloga Teresa Araújo, foram autorizados pelo IPA – Instituto Português de Arqueologia, através dos ofícios 08546, de 01.07.05 e 09895, de 25.07.05.

Os referidos trabalhos arqueológicos foram solicitados pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Norte, ao abrigo do protocolo existente entre a DGEMN e a Universidade do Minho e decorreram do desenvolvimento do projecto “Itinerário do Românico do Vale do Sousa”, no âmbito do qual diversos monumentos têm vindo a ser objecto de projectos integrados de intervenção.

2.Objectivos e Metodologias

Na intervenção na Igreja Velha de São Mamede de Vila Verde, os trabalhos arqueológicos tiveram por objectivo a obtenção de dados que permitissem compreender a solução construtiva na ligação do arco triunfal à capela-mor - dados que a leitura de paramentos não proporcionou - para informar adequadamente o projecto de arquitectura no que respeita à articulação dos diferentes pisos, e também avaliar a existência de condicionantes arqueológicas à execução das obras previstas para reposição do uso do templo.

Beneficiou-se da informação fornecida pelos moradores locais mais idosos, que referenciavam a trasladação dos enterramentos existentes no templo abandonado para o novo cemitério da freguesia, na década de 40 do século XX. Não era expectável, por isso, o achado de vestígios primários de enterramentos.

A zona de escavação incidiu no interior da capela-mor, parte da qual apresentava a rocha base à superfície e a restante parte já com indícios de revolvimento para saque de lajes do pavimento, abrangendo ainda o arco triunfal e o ombro setentrional da nave. Escavou-se apenas o lado Norte da capela-mor e do arco-triunfal, de modo a obter a leitura estratigráfica no perfil central.

Dividiu-se a capela-mor em dois quadrantes (Norte e Sul), com base numa quadriculagem de malha de 2 x 2 metros referenciada ao eixo longitudinal da igreja e com origem num ponto exterior à área de intervenção, de modo a obter coordenadas X e Y sempre positivas. A zona escavada correspondeu às quadrículas X10-11-12 / Y8.

Para referenciação documental adoptou-se o acrónimo IVSMVV 05, correspondente às iniciais de Igreja Velha de São Mamede de Vila Verde, ano de 2005.

Na zona pavimentada da capela-mor, antecedeu-se a escavação do levantamento gráfico e fotográfico do pavimento, numerando-se todos os seus elementos, para possibilitar a sua eventual remontagem futura.

Os sedimentos foram decapados por camadas naturais, procedendo-se ao registo sistemático da estratigrafia (sedimentar e construtiva) em fichas descritivas, em desenho à escala 1:20 e em fotografia. Com base nesse registo elaborou-se o diagrama estratigráfico, do tipo “Harris”.

O espólio recolhido foi objecto de tratamento preliminar de limpeza, marcação, inventário e classificação, ficando provisoriamente depositado nas instalações da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

A documentação gráfica e fotográfica ficou arquivada também na Unidade de Arqueologia, à guarda do primeiro responsável, Luís Fontes.

3. Resultados da sondagem X10-11-12/Y-8

Após a decapagem da camada de derrube (001) do telhado da capela-mor, colocou-se à vista parte do lajeado (003+018) ainda conservado na zona Este. Retirou-se a seguir a camada de aterro (002) do saque (005) das lajes situadas a Oeste, evidenciando-se a existência de várias cavidades correspondentes a tumulações (019, 020, 024, 025, 026, 032), rasgadas na arena granítica de base, com os seus respectivos aterros de enchimento pós-trasladação (023, 027, 028, 025, 026, 033).

Foi possível identificar já nesta fase inicial da escavação a vala de fundação (021) do arco triunfal moderno, que corta os pés de uma das cavidades sepulcrais modernas, bem como o embasamento do pilar Sul do arco medieval original (013), verificando-se que este se prolongava mais para Sul, determinando portanto um vão menor.

Procedeu-se depois ao levantamento do lajeado do pavimento (003+018), inventariando e classificando cada elemento. Verificou-se que este lajeado reutilizava guarnições de vãos, degraus e cornijas, assim como dois fragmentos que completam um pé de altar monolítico com a cavidade para as caixas relicário escavada no topo superior, de cronologia tardo-medieval. Na forma como se apresentava, o pavimento lajeado correspondia a uma reposição associável à trasladação dos enterramentos aqui existentes para o cemitério paroquial, feita no segundo quartel do século XX.

Definiu-se depois o recorte na rocha para a colocação de algumas lajes (036, 043, 044) e de reutilização de uma sepultura (037). Escavou-se o enchimento desta (038), exumando-se uma tumulação contemporânea (042), ainda com o caixão de madeira (040). Este foi deixado intacto, devidamente coberto por geotêxtil e soterrado após os trabalhos de registo.

Estratigrafia

001 – Entulho de telha e lixo, camada de cor castanha escura, de compactação média, calibragem regular, matriz areno-limosa incorporando brita, argamassas, blocos e muita telha recente tipo Marselha.

002 – Aterro de assentamento do lajeado (enchimento pós-trasladação), de cor castanho claro, compactação média a fraco, calibragem regular, de matriz limo-arenosa incorporando brita, blocos, fragmentos de reboco, madeira, cravos e muita telha recente tipo Marselha.

003 – Lajeado constituído por elementos graníticos reaproveitados, como guarnições de vãos, pé de altar fragmentado, cornijas, degraus, blocos de cantaria (alguns com vestígios de reboco simples ou pintado), dispostos sem padrão definido mas de forma a criar um piso utilizando as faces mais afeiçãoadas destes elementos. As juntas são preenchidas por terra, saibro e algum cascalho.

004 – Balcão perimetral, correspondente a um ressalto alargado, tipo sapata, dos alicerces das paredes Norte, Este e Sul da capela-mor. A forma dos elementos graníticos constituintes é irregular, assim como o corte dos mesmos, apresentando dimensões compreendidas entre os 30 e os 50 cm. As juntas são irregulares, preenchidas irregularmente por cascalho, terra e xisto.

005 – Interface de saque do lajeado.

006 - Recorte vertical no saibro, de forma sub-circular (veio a ser individualizado como interface de remoção de sepultura = **037**).

007 - Recorte no saibro (interface do alicerce do altar ?).

008 – Recorte no saibro, de forma sub-circular (poderá corresponder ao interface de uma sepultura semelhante ao **042**).

009 – Interface de saque do lajeado (corresponde ao negativo do saque de uma laje).

010 – Soleira da porta Sul da capela-mor

011 – Arena de alteração granítica (saibro).

012 – Parede original Sul, em cantaria de dupla face com miolo preenchido por argamassa, fragmentos de telha e cascalho. Os blocos graníticos, bem esquadras e afeiçãoados a picão, têm tamanhos compreendidos entre os 70 e 40 cm, são de forma paralelepípedica e apresentam-se montados em fiadas horizontais regulares, quase sempre de peito e espaçadamente de testa, definindo um aparelho pseudo-isódomo.

- 013** – Embasamento do pilar Sul do arco triunfal original, constituído por silhares graníticos de 70 a 50 cm, paralelepípedicos, grosseiramente esquadriados, afeiçoado a picão.
- 014** – Embasamento do arco triunfal moderno constituído por lajes paralelepípedicas em esquadria perfeita, com faces lisas talhadas a cinzel. Juntas preenchidas por argamassa.
- 015** – Reboco do arco cruzeiro moderno, em argamassa e cal, com cerca de 2cm de espessura, bem alisado, assentando directamente na parede de suporte.
- 016** – Degraus que fazem a passagem do arco triunfal, constituídos por lajes graníticas bem esquadradas, com a face superior lisa, cinzelada e interior afeiçoada a picão. O degrau desenha um papo de rola, sobre espelho vertical. Incorpora elementos reaproveitados, não afeiçoados como degraus.
- 017** – Aterro equivalente ao **002**.
- 018** – Elementos graníticos reaproveitados, que serviram de embasamento ao lajeado correspondente ao contexto **003**, devendo ser contemporâneos da recolocação deste.
- 019** – Rasgo no saibro correspondente ao interface de uma sepultura, equivalente aos contextos **020, 024, 025, 026, 032, 034, 042 e 045**.
- 021** – Interface correspondente ao rasgo da vala de fundação do pilar Norte do arco triunfal.
- 022** – Interface correspondente ao rasgo da vala de fundação do alicerce da parede norte da capela-mor.
- 023** – Aterro de enchimento secundário (pós-trasladação) das sepulturas **019, 020, 024, 025, 026, 032, 034 e 042**, equivalente aos contextos **027, 028, 029, 030, 033, 035 e 038**.
- 031** – Enchimento da vala de fundação correspondente ao contexto **014**, de cor castanho claro, compactação média, matriz limo-arenosa, calibragem regular, incorpora brita, raizes e telha.
- 036** – Equivalente aos contextos **043 e 044** (rasgos para assentamento das lajes nº 36, 37 e 52 na rocha).

034 – Interface correspondente ao rasgo no saibro para embasamento do altar.

035 – Enchimento de **034**, de coloração castanho acinzentado claro, de compactação média, matriz areno-limosa, calibragem regular, incorpora brita.

037 – Interface de remoção de sepultura, associável aos aterros da trasladação (= **006**).

039 – Enchimento original de **037**, camada de coloração castanho-escuro compactação média, calibragem regular, que se apresenta na forma de um filete na bordadura nascente do recorte.

040 – Caixão em madeira, de forma trapezoidal e secção compósita (cobertura tipo masseira), orientado E/O, com cabeceira a nascente. Apresentava restos de adornos têxteis.

041 – Aterro do enterramento correspondente ao **040**, com características semelhantes ao **038**. Preenche o interior do caixão, nas partes em que as tábuas deste fracturaram.

043 – Interface de colocação da laje nº 37.

044 - Interface de colocação da laje nº 52.

046 – Interface de saque ou derrube do alicerce **004**.

047 – Aterro de enchimento secundário de **020**, de coloração castanho-claro compactação média, calibragem regular, matriz limo-arenosa com inclusões de areias, brita, e blocos. Identificada somente no perfil Sul.

048 – Aterro de enchimento secundário de **020**, de coloração castanho-claro compactação média, calibragem regular, matriz limo-arenosa com inclusões de areias, brita, fragmentos de telha tipo Marselha, argamassas, reboco e tecido. Identificada somente no perfil Sul.

049 – Interface de remoção de **020**. Identificada somente no perfil Sul. Equivalente ao **006**.

050 – Aterro de enchimento de **016**, de coloração castanho-acinzentado compactação média, calibragem regular, matriz areno-limosa. Identificada somente no perfil Sul.

051 – Camada de assentamento de **003**, de coloração castanho-claro compactação média, calibragem regular, matriz limo-arenosa. Identificada somente no perfil Sul.

052 – Deposição lenticular, de coloração castanha-escuro, compactação média a fraca, calibragem regular, matriz areno-limosa. Identificada no perfil Sul.

Espólio

Recolheram-se apenas 175 fragmentos de diversos tipos de materiais, dominando os vidros contemporâneos (42 fragmentos) e as cerâmicas, com 64 fragmentos de fabricos modernos e contemporâneos, todos provenientes de contextos secundários associados aos aterros pós-trasladação.

Individualizaram-se três achados, provenientes igualmente de contextos secundários, correspondentes a uma moeda oitocentista (ACH.001), duas contas de rosário, em cerâmica (ACH.002), também oitocentistas e um pequeno crucifixo, em madeira revestida de chapa de cobre (?) (ACH.003), de cronologia igualmente oitocentista.

4. Conclusões

As escavações arqueológicas realizadas permitiram esclarecer a solução de articulação entre a nave e a capela-mor, confirmando a existência de um desnível original entre um espaço e outro e que o alargamento e elevação do arco triunfal não se traduziram em qualquer alteração ao nível das cotas dos pisos.

Permitiram igualmente confirmar o profundo e quase total revolvimento do subsolo da igreja, traduzido no aterro contemporâneo das cavidades sepulcrais modernas, na sequência da trasladação dos restos dos enterramentos para o novo cemitério da freguesia, cerca de meados do século XX, bem como no desmonte do altar e repavimentação parcial da capela-mor com elementos reutilizados, incluindo partes do maciço correspondente à mesa do altar.

Conservou-se apenas um enterramento, no topo nordeste da capela-mor, a mais de 0,80 metros de profundidade em relação à cota superior do pavimento, o

qual se conservou intacto e se aterrou de novo, estabelecendo-se como condicionante o não rebaixamento da cota da capela-mor abaixo dos 0,50 metros.

Admitindo que o altar original não é susceptível de ser reconstruído, por um lado e que, por outro lado, tendo em consideração as actuais recomendações relativas à organização litúrgica dos espaços de culto, o novo altar será montado mais ao centro da capela-mor, propomos que a nova solução que venha a ser desenhada integre o pé de altar monolítico tardo-medieval com cavidade para as caixa-relicário, que se recuperou no decurso da intervenção arqueológica.

Para além das considerações acima expostas, não identificamos qualquer impedimento arqueológico à concretização do projecto de restauro da Igreja Velha de São Mamede de Vila Verde.

Braga, 25 de Agosto de 2005

Luís Fernando de Oliveira Fontes

André Manuel Paes Machado

Sofia Barroso Catalão

5. Bibliografia

Fernandes, M. Antonino, (1989) *Felgueiras de ontem e de hoje*, Braga.

http://www.monumentos.pt/scripts/zope.pcgi/ipa/pages/ficha_ipa?nipa=133330020

6. Ilustrações

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 4, 2010

6.1 Fotografias

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 4, 2010



Foto 1 – Igreja Velha de São Mamede, panorâmica, vista de SO.



Foto 2 – Igreja Velha de São Mamede, panorâmica, vista de NO.



Foto 3 – Capela-mor, antes da intervenção.



Foto 4 – Vista parcial da capela-mor, depois da limpeza (Plano 1).



Foto 5 – Vista da capela-mor, depois da limpeza (Plano 1).



Foto 6 – X12/Y8. Fase de escavação, plano 2.



Foto 7 – X11-12/Y8. Fase de escavação, plano 2.



Foto 8 – X10-11/Y8. Fase de escavação, plano 2.



Foto 9 – X12-11/Y8. Fase de escavação, plano 4.



Foto 10 – X-11-12 / Y8. Plano final.



Foto 11 – X10 / Y8. Plano final.



Foto 12 – X11-12 / Y8. Plano Final, pormenor zona Este.



Foto 13– X11-12 /Y8. Plano final.



Foto 14 – X11/Y8. Pormenor do embasamento do arco triunfal.



Foto 15 – X12/Y8. Pormenor da estratigrafia no Perfil Sul (zona nascente).



Foto 16 – X11/Y8. Pormenor da estratigrafia no Perfil Sul (zona central).



Foto 17 – X10/Y8. Pormenor da estratigrafia no Perfil Sul (zona poente).



Foto 18 – Pé de altar tardo-medieval, recuperado do lajeado.



Foto 19 – Pormenor de bloco com restos de reboco pintado, reutilizado no pavimento.



Foto 20 – Achados

6.2 Desenhos

Fig. 1 – Localização da Igreja Velha de São Mamede na carta militar 1:2500, fl.099.

Fig. 2 – Planta da igreja com quadrícula e indicação da zona escavada

Fig. 3 – Plano 1 da quadrícula X 10-11-12/Y 8

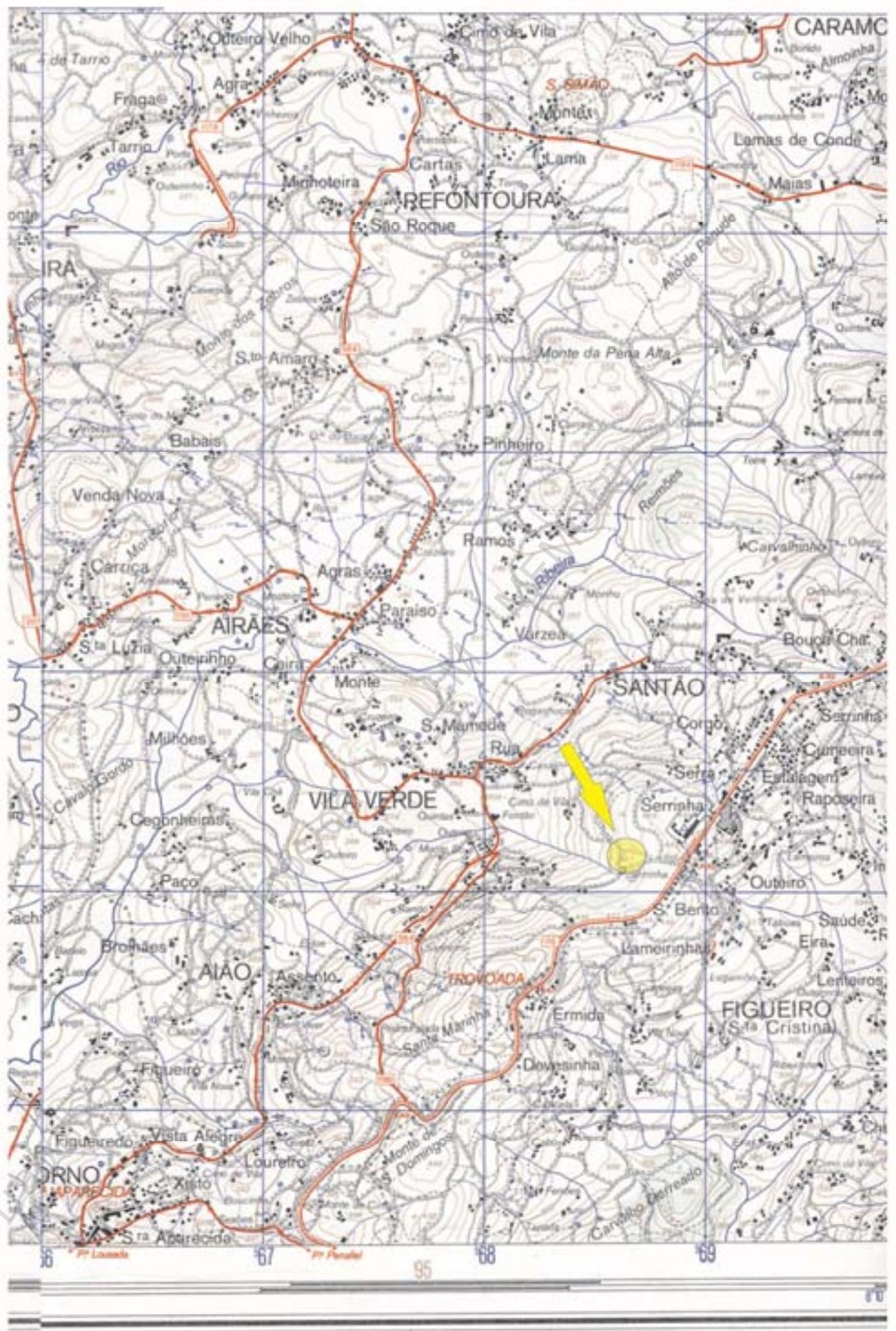
Fig. 4 – Plano final da quadrícula X 10-11-12/Y 8

Fig. 5 – Leitura estratigráfica dos perfis Sul e Oeste

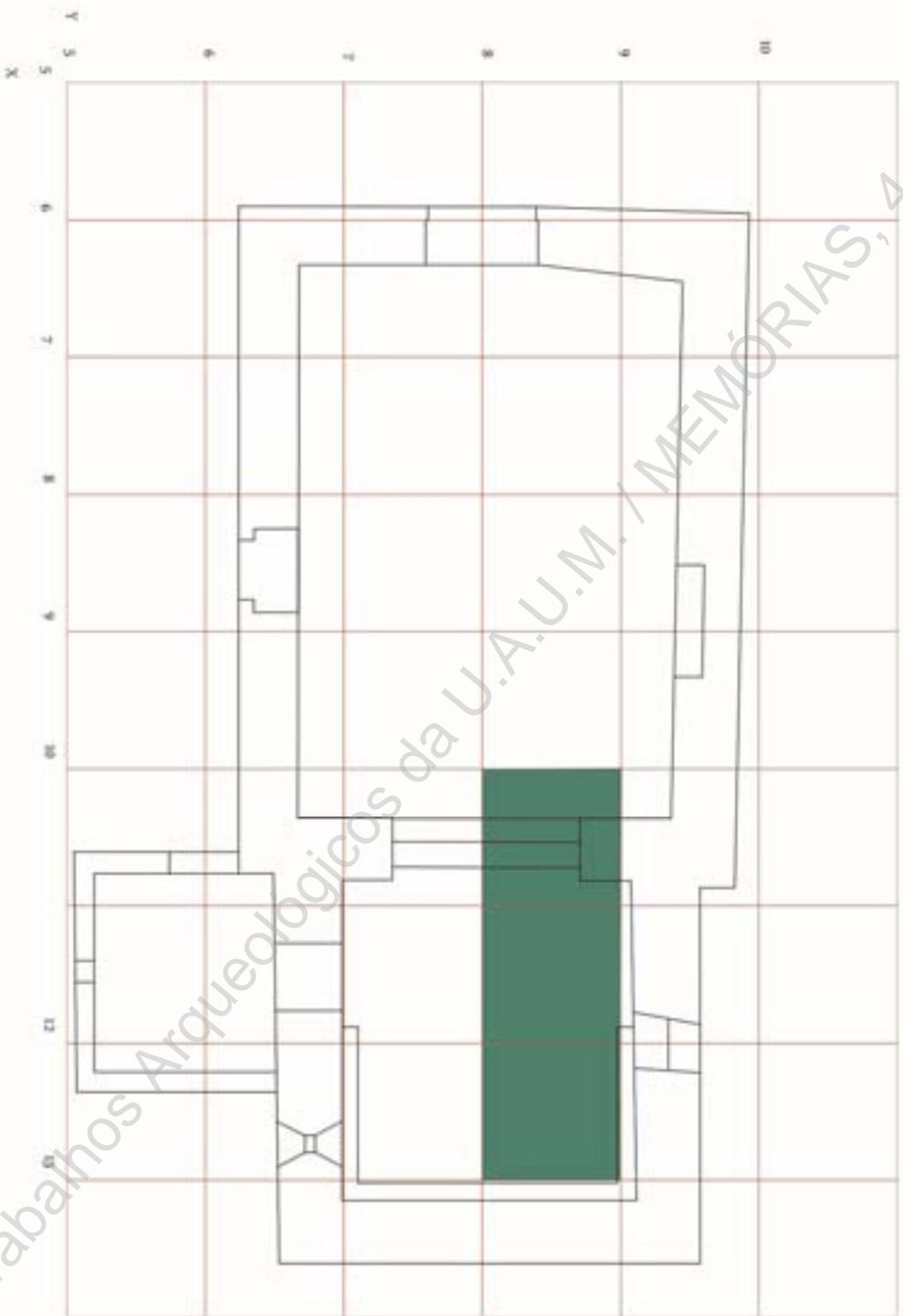
Fig. 6 – Planta da igreja com as ruínas descobertas

Fig. 7 – Alçado interior Norte da capela-mor

Fig. 8 – Diagrama da sequência estratigráfica



Localização da Igreja Velha de São Mamede de Vila Verde (Folhas 11.99)



Planta da igreja com quadrícula e zona de escavação

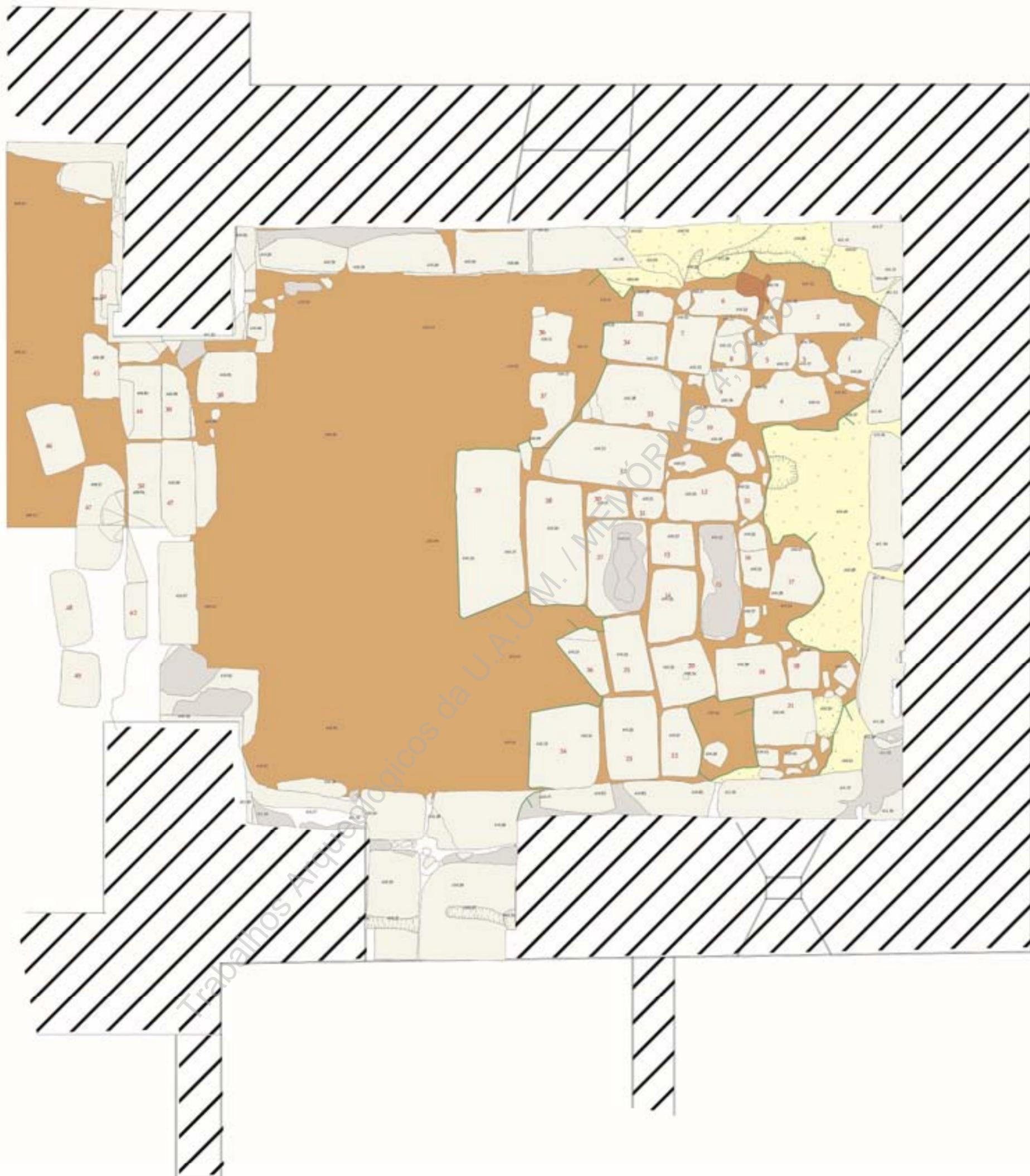
Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - Norte

Igreja Velha de São Mamede de Vila Verde (Felgueiras)

UAUM

2005

Fig. 2



-  Paredes
-  reboco
-  Argamassa
-  Cotas
-  Nº contatos
-  Nº de intervenções lapidas

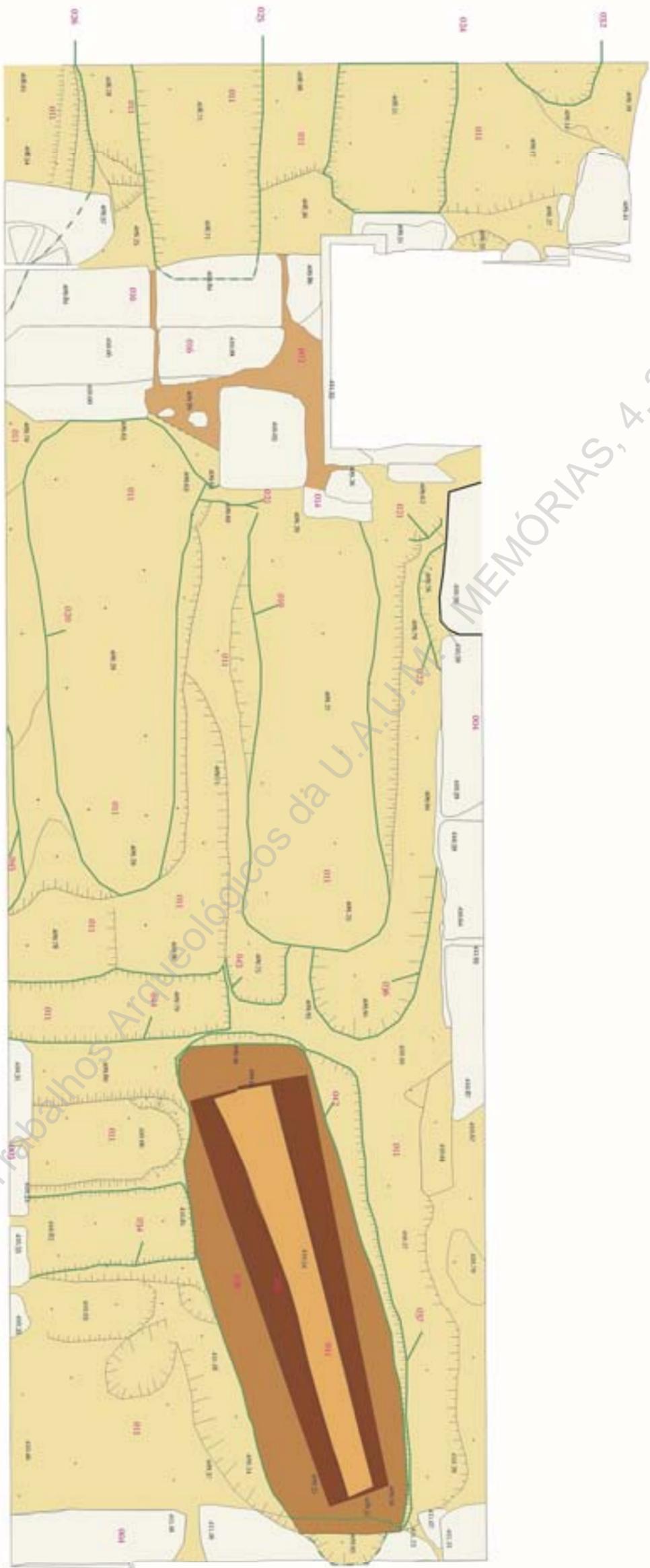
Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - Norte
Igreja Velha de São Mamede de Vila Verde (Felgueiras)

Quadricula X10-11-12/Y8
Plano 1

UAUM

2005

Fig. 3



MEMÓRIAS, 4, 2010

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M.

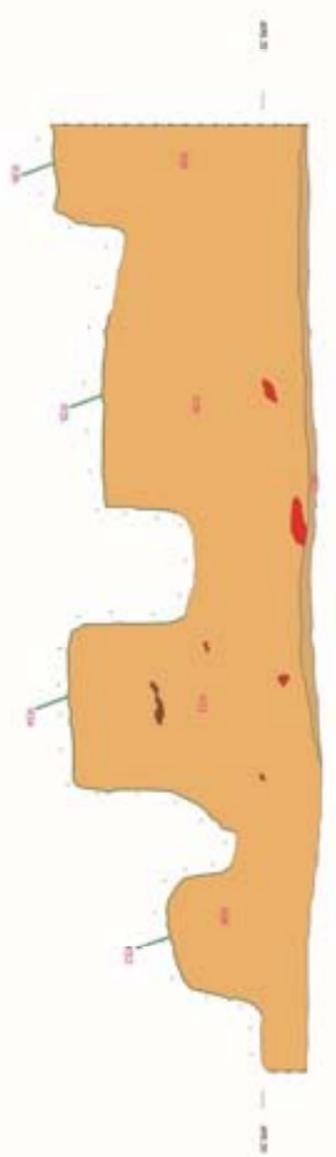
Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - Norte
 Igreja Velha de São Mateus de Vila Verde (Figueras)

Quadricula X 10-11-12/Y 8
 Plano Final

Perfil Sul



Perfil Oeste

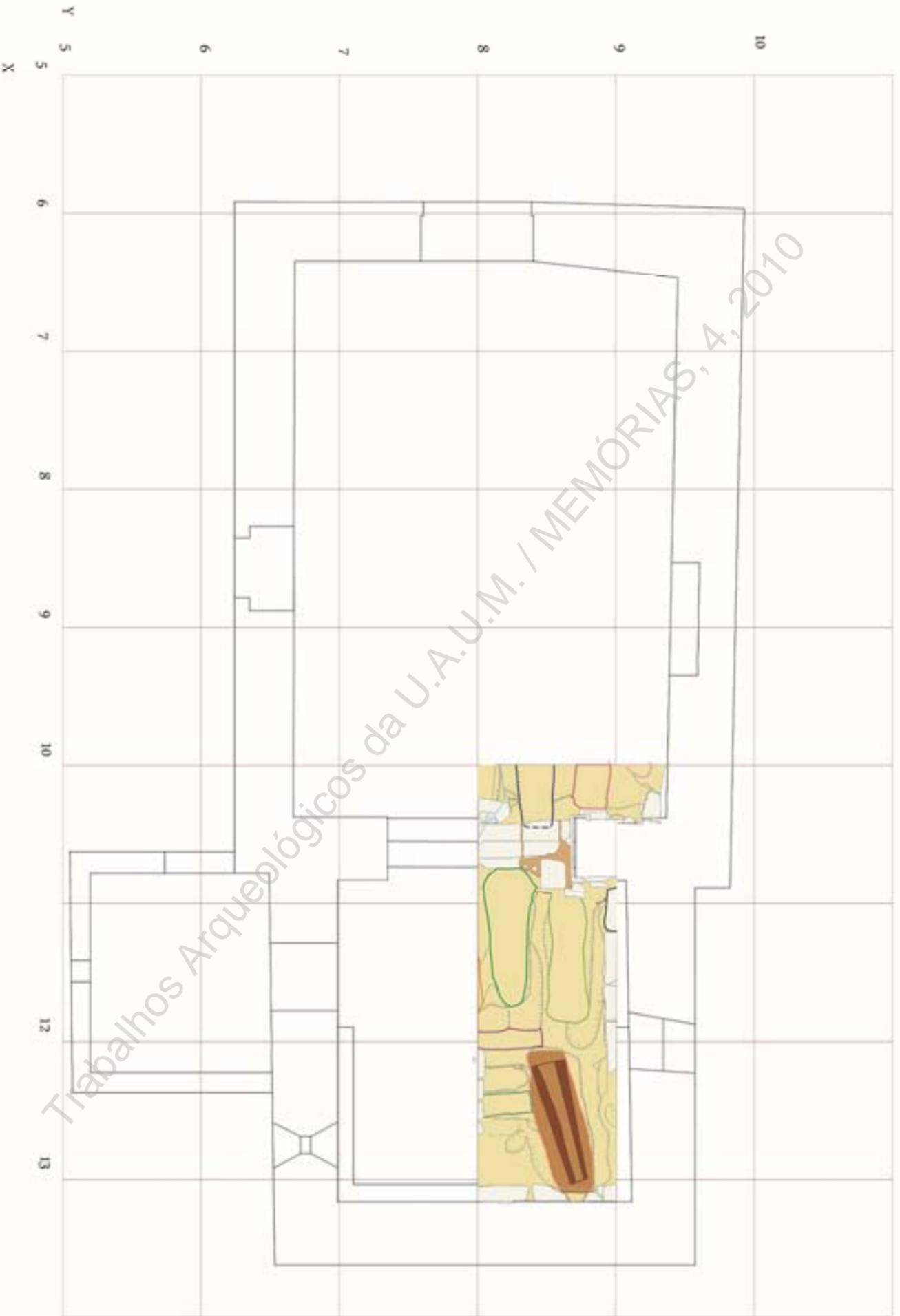


Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 2010



Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - Norte
Igreja Velha de São Mateus de Vila Verde (freguesia)

Quadrícula X 10-11-12/Y 8
Leitura estratigráfica de perfis



Planta da igreja com as ruínas descobertas

Direcção Geral dos edifícios e Monumentos Nacionais - Norte

Igreja Velha de São Mateus, Vila Verde (Felgueiras)

UAUM

2005

Fig.6



Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - Norte
Igreja Velha de São Mamede de Vila Verde (Felgueiras)

UAUM

2005

Alçado interior Norte da Capela-mor

Fig. 7

Paredes
 Aberturas
 Alçado
 Terra
 Cais
 IP Contorno

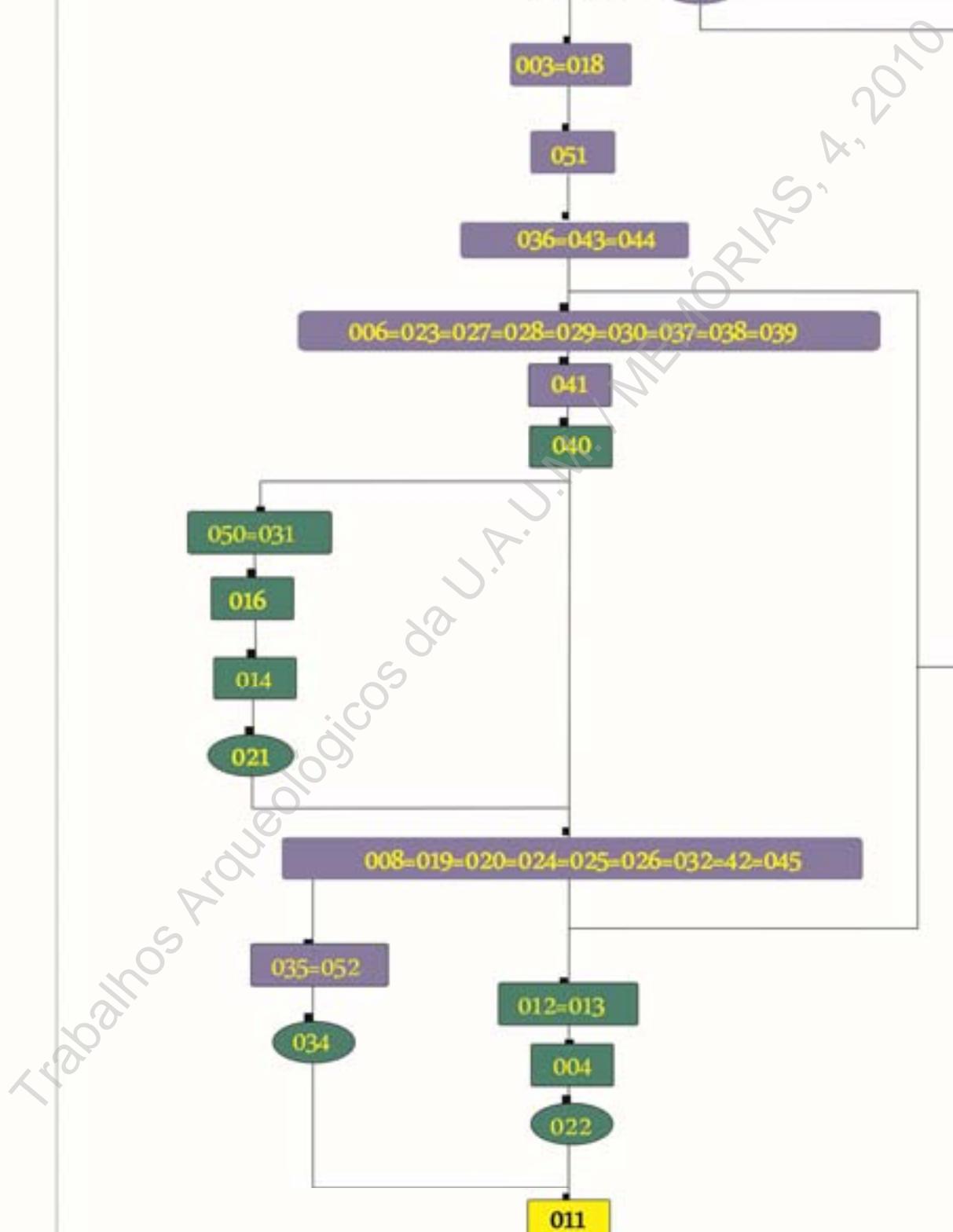


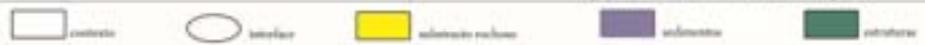
Diagrama estratégico da sondagem XXII/11/12 - Y18

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - Norte
 (grupo de edifícios de São Mateus de Vila Verde (Folgoeiro))

LIAUM

2005

Fig. 8



7. Anexos

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 4, 2010

7.1. Lista de contextos

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 4, 2010

Nº contexto	Zona	Quadrícula	Plano	Nome / Descrição
0001	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	Limpeza	Entulho de telha e lixo
0002	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Aterro de enchimento (saque lajeado)
0003	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	lajeado
0004	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Balcão perimetral
0005	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	
0006	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Interface de recorte no saibro (Norte)
0007	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Interface de recorte no saibro (Central) (Altar?)
0008	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Interface de recorte no saibro (Sul) (Sepultura?)
0009	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Interface de saque lajeado
0010	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Soleira porta Sul (rasgada na parede original)
0011	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Saibro natural
0012	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Parede original Sul
0013	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Embasamento do pilar Sul arco triunfal original
0014	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Embasamento arco triunfal moderno
0015	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Reboco sobre embasamento Sul do arco triunfal moderno
0016	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Degraus arco triunfal
0017	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Equivalente ao =0002=
0018	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	1	Lajes nº 36 e 37
0019	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Rasgo na rocha para sepultura Norte
0020	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Rasgo na rocha para sepultura Sul
0021	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Vala de fundação da ombreira Norte arco triunfal
0022	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Vala de fundação do alicerce da parede Norte
0023	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Enchimento da sepultura =0024=
0024	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Interface de sepultura Norte
0025	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Interface de sepultura
0026	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Interface de sepultura Sul
0027	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Enchimento da sepultura =0019=
0028	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Enchimento da sepultura =0020=
0029	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Enchimento da sepultura =0025=
0030	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Enchimento da sepultura =0026=
0031	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Enchimento da vala de fundação =0021=
0032	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Interface de sepultura
0033	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Enchimento da sepultura =0032=
0034	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Interface para colocação do pé de altar ou lajes
0035	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Enchimento do interface =0034=

0036	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Interface para colocação da laje nº 36 na rocha
0037	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Interface de túmulo com cabeceira
0038	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Enchimento do túmulo =0037=
0039	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	4	Enchimento original do túmulo =0037=
0040	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	5	Caixão com tábuas abatidas
0041	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	5	Enchimento do =0040=
0042	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	5	Interface de tumulação do =0040=
0043	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Interface de colocação da laje nº 37
0044	Capela-mor	X 10.12 / Y 8	2	Interface de colocação da laje nº 52
0045	Capela -mor	X 10.12/Y 8	Plano final	Interface de tumulo
046	Capela-mor	X 10.12/Y 8	Perfil Sul	Interface de saque do alicerce =004=
047	Capela-mor	X 10.12/Y 8	Perfil Sul	Camada saibrosa de aterro de =020=
048	Capela-mor	X 10.12/Y 8	Perfil Sul	Camada de aterro de =020=
049	Capela-mor	X 10.12/Y 8	Perfil Sul	Interface de saque de =020=
050	Capela-mor	X 10.12/Y 8	Perfil Sul	Camada de enchimento =016=
051	Capela-mor	X 10.12/Y 8	Perfil Sul	Camada de assentamento lajeado =003=
052	Capela-mor	X 10.12/Y 8	Perfil Sul	Filete castanho
053	Porta Sul	Porta Sul	Plano1	Camada de aterro
054	Porta Sul	Porta Sul	Croquis 2	Camada envolvente do esqueleto =057=
055	Porta Axial	Porta Axial		Tampa sepulcral 1
056	A Sul da Igreja	A Sul da Igreja		Tampa sepulcral 2
057	Porta Sul	Porta Sul	Croquis 2	Esqueleto

7.2 Lista de distribuição do espólio

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 4, 2010

Lista de inventário do espólio

Contexto	Lítico	Osso	Metal	Vidro	T. vermelha	Moeda	Tijolo	C. vermelha	C. vidrada	C. pintada	C. preta	Faiança	Azulejo	Porcelana	Ferro	Outros	Total
0001		10	8	7		1		5	5		2	35				30	103
0002		2	12	31				2			5	2				2	56
0017																1	1
0023				4				5	1		1					3	14
0035								1									1
0038																	0
Total	0	12	20	42	0	1	0	13	6	0	8	37	0	0	0	36	175

7.3. Lista de achados

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 4, 2010

Lista de achados

Nº de achado	zona/quadrícula	Plano	contexto	nome/definição
001	X10 a 12/Y8	limpeza	001	moeda
002	X10 a 12/Y9	pl.2	017	duas contas
003	X10 a 12/Y10	pl.2	017	crucifixo

Inventário do levantamento dos elementos constituintes do lajeado

Nº inventario	localização	nome /descrição
1	Capela-mor	laje de pavimento
2	Capela-mor	laje de pavimento - reaproveita cornija
3	Capela-mor	laje de pavimento
4	Capela-mor	laje de pavimento
5	Capela-mor	laje de pavimento - reaproveita elemento de guarnição
6	Capela-mor	laje de pavimento
7	Capela-mor	laje de pavimento
8	Capela-mor	laje de pavimento
9	Capela-mor	laje de pavimento
10	Capela-mor	laje de pavimento
11	Capela-mor	laje de pavimento
12	Capela-mor	laje de pavimento - reaproveita silhar com fresco
51	Capela-mor	laje de pavimento
35	Capela-mor	laje de pavimento
34	Capela-mor	laje de pavimento - reaproveita degrau
33	Capela-mor	laje de pavimento - reaproveita degrau
32	Capela-mor	laje de pavimento - reaproveita pé de altar com caixa reliquiaria
31	Capela-mor	laje de pavimento
30	Capela-mor	laje de pavimento
29	Capela-mor	laje de pavimento - reaproveita degrau
28	Capela-mor	laje de pavimento - reaproveita pé de altar com caixa reliquiaria
52	Capela-mor por baixo da 29	laje de pavimento
37	Capela-mor	laje de pavimento - reaproveita um elemneto com encaixe para viga
36	Capela-mor	laje de pavimento
53	Capela-mor para a Sacristia	silhar com reboco
54	Capela-mor para a Sacristia	silhar com reboco
55	Capela-mor para a Sacristia	fragmento de cornija
56	Capela-mor para a Sacristia	degrau
57	Capela-mor para a Sacristia	cornija com encaixe
58	Capela-mor para a Sacristia	cornija
59	Capela-mor para a Sacristia	elemento com uma forma muito irregular?
66	Capela-mor para a Sacristia	elemento muito irregular sub rectangular proveniente do balcão perimetral?
67	Capela-mor para a Sacristia	elemento muito irregular sub rectangular proveniente do balcão perimetral?
72	Capela-mor para a Sacristia	degrau
60	Sacristia	cornija ainda com restos de argamassa
61	Sacristia	cornija com encaixe e restos de argamassa
62	Sacristia	elemento de forma triangular empena
63	Sacristia	silhar faceado (lajeado)
64	Sacristia	silhar faceado (lajeado)
68	Sacristia	elemento de forma triangular empena
69	Sacristia	cornija
70	Sacristia	silhar faceado (lajeado)
71	Sacristia	elemento irregular
73	Sacristia	silhar faceado (lajeado)
74	Sacristia	elemento sub triangular ?

7.4. Exemplar do relatório em CD- Rom

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 4, 2010

7.5. Fotocópias dos registos de campo

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 4, 2010